

A POESIA DE PAUL CELAN E “SOBRE VERDADES E MENTIRAS NO SENTIDO EXTRA-MORAL”, DE NIETZSCHE: APROXIMAÇÕES

— LAYSA BERETTA

RESUMO Em *Crepúsculo dos Ídolos*: ou como se filosofa com o martelo (1889), último livro escrito antes da enfermidade, Nietzsche estabelece, e de modo bastante elucidativo, o lugar da moral e da verdade para a construção do niilismo enquanto conceito. O filósofo entende que a moral, principalmente a cristã, nega a vida presente em favor de um ideal transcendental, tornando-se um "mal-entendido" que oferece consolo, mas também aprisiona a verdade em conceitos estáticos e ilusórios. Além disso, mas não menos importante, Nietzsche questiona a linguagem, a principal potência do homem, como instrumento para a cristalização desses conceitos. Assim, pretendo observar o texto "Verdade e mentira no sentido extra-moral" (1873), ensaio em que Nietzsche, além de salientar a incessante busca do homem pela verdade – sem deixar, é claro, de observar a ilusão inerente ao ato –, discorre sobre o intelecto humano, desmantela o conceito tradicional de verdade e questiona os limites da linguagem, a matéria-prima do intelecto. Ademais, dedico-me, à luz das considerações presentes no ensaio mencionado, à análise de alguns poemas de Paul Celan (1920-1970), em que um movimento bastante semelhante àquele proposto por Nietzsche salta aos nossos olhos, pois a linguagem é manejada como ferramenta fluida que pode apontar para verdades complexas e intuições profundas, mas nunca capturá-las completamente.

Palavras-chave: Nietzsche; Linguagem; Verdade; Paul Celan; Transvaloração dos conceitos.

ABSTRACT In *Twilight of the Idols: or How to Philosophize with a Hammer* (1889), Nietzsche establishes, in a highly elucidative manner, the role of morality and truth in the construction of nihilism as a concept. The philosopher understands that morality, especially Christian morality, denies present life in favor of a transcendental ideal, becoming a "misunderstanding" that offers solace but also imprisons truth in static and illusory concepts. Furthermore, and no less important, Nietzsche questions language, the primary power of man, as an instrument for crystallizing these concepts. Therefore, I intend to examine the text "Truth and Lie in an Extra-Moral Sense" (1873), an essay in which Nietzsche, besides emphasizing humanity's relentless pursuit of truth – while acknowledging the inherent illusion in that act – discusses human intellect, dismantles the traditional concept of truth, and questions the limits of language, the raw material of intellect. Additionally, in light of the considerations presented in the mentioned essay, I dedicate myself to analyzing some poems by Paul Celan (1920-1970), in which a movement quite similar to that proposed by Nietzsche stands out, as language is handled as a fluid tool that can point to complex truths and deep insights but can never fully capture them.

Keywords: Nietzsche; Language; Truth; Paul Celan; Transvaluation of concepts.

Temos a arte para não morrer com a verdade.^[1]

(Nietzsche)

Não faça muito da palavra.^[2]

(Leonard Cohen)

A despeito de o niilismo ser empregado com diferentes acepções nos escritos de Nietzsche (1844-1900), é impossível não observar que todas elas se ligam, de alguma forma, à noção de desvalorização, ou melhor, de dissolução dos critérios, princípios e valores tradicionais. Assim, é igualmente inevitável não assimilar que o fenômeno está intimamente relacionado à moral. À moral cristã mais precisamente. Além de a moral representar um meio eficaz de conservação e, por isso, ser um grande antidoto contra o niilismo prático e teórico, ela cultiva ainda uma outra força: a verdade.

O lugar da moral e da verdade para Nietzsche e para a construção do niilismo enquanto conceito parece-me bastante clara principalmente no capítulo “O problema de Sócrates” presente na obra *Crepúsculo dos Ídolos*: ou como se filosofa com o martelo (1889). Trata-se do último livro escrito por Nietzsche antes da sua enfermidade. Nele, o filósofo aponta não apenas para a morte de Deus e para a ideia – já bastante gasta, mas ainda crucial – de que ele seria uma hipótese extrema demais, mas também para a ruína dos grandes sábios ou dos eternos ídolos como Sócrates, Platão, Kant, Dante, Zola e Rousseau (de fato, o mundo tem mais ídolos do que realidades).

No capítulo elencado e a partir de Sócrates, Nietzsche, o nosso filósofo maldito, volta-se para o comportamento dos gregos diante da racionalidade, da vida e do presente. Para ele, o grande problema residiria, portanto, no valor da racionalidade e na lógica, quase que matemática, que apontava para o grau de equivalência entre os princípios de razão, virtude e luz. A paridade proposta acabou estabelecendo uma dicotomia entre o que é claro ou apolíneo (prudência, razão, verdade e transcendência) e escuro ou dionisíaco (instinto, inconsciente e corpo). Valores, assim, dirigidos para o alto/baixo e para ascendência/decadência, respectivamente.

Dessa forma e ainda de acordo com Nietzsche, Sócrates estabeleceu uma moral cujo objetivo era perseguir o belo, a verdade e o bem (situados em uma além vida, na salvação) e negar patologicamente a vida hodierna e a natureza humana.

Mais tarde, como sabemos, o cristianismo se apropria desse pensamento, incorporando ainda as noções de pecado original e juízo final. Daí o ideal ascético e a assertiva nietzschiana de que “Sócrates foi um mal-entendido. Toda moral fundada no melhoramento, também a moral cristã, foi um mal-entendido” (Nietzsche, 2010, p. 22).

O “mal-entendido”: a humanidade, com o asceticismo, estava a salvo. Já não era mais uma folha ao vento ou vivência sem sentido. Ao contrário, havia um consolo para o sofrimento da existência, havia a ideia de uma explicação *verdadeira* para as aporias que o homem enfrentava durante a vida. Havia, ainda, o ideal em torno de uma razão voltada à redenção final. Entretanto, essa interpretação de mundo acaba por perder as forças frente àquela força cultivada pela moral: a verdade. Quer dizer, a metafísica justificadora mantida pelo ascetismo encontra o seu próprio ponto de partida e, a partir da “racionalidade a qualquer preço”, a verdade volta-se contra a moral e acaba ruindo com a capacidade de extrair sentido da existência, ou seja, desvelando a morte de Deus.

[1] In: A Vontade de Poder, 2008.

[2] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IvXn4P9Kj2Y>. Acesso em 25 fev. 2018.

No vão e em vão. Assim o homem se vê. O anúncio da morte de Deus não se relaciona com a repentina descrença em um ser ou entidade boa e superior, mas com a supressão das antigas crenças e a privação do gasto horizonte de certezas. A moral cristã, que foi uma série de explicações necessárias, torna-se uma ideia “inútil, supérflua, conseqüentemente, refutada” (Nietzsche, 2010, §5).

De qualquer forma, o homem comum não suporta esse vão por muito tempo. Substitutos para Deus são cotejados e, de alguma maneira, a verdade (ou alguma verdade) continua sendo perseguida. Quer dizer, o niilismo ainda não é compreendido em toda a sua amplitude e valores supremos ou autoridades como a ciência, a história ou a revolução são eleitos como garantidores de segurança, como possibilidades de preencher o vão. Trata-se da vontade de verdade: a “crença, que funda a ciência, de que nada é mais importante do que o verdadeiro. A questão não é propriamente a essência da verdade, mas a crença na verdade” (Machado, 2002, p. 75).

Existe, assim, a tentativa de escapar do niilismo (ou vivê-lo de maneira incompleta) deixando de destruir e, sobretudo, de repensar (transvalorar) os valores e as verdades. Talvez tenha sido por isso que Nietzsche, no outono de 1887, procurou ser preciso quando resumiu: “O que significa niilismo? — que os valores mais altos se desvalorizam” (Nietzsche, 2002, p. 35).

O niilismo consistia (e consiste), então, na perda de ideais ou no desvanecimento de referências e valores norteadores, além ainda de apontar para o jogo dialético e irresolúvel que compõe o mundo e para a negação de todas as estruturas tidas como rígidas.

Com isso, pretendo observar o texto “Verdade e mentira no sentido extra-moral” (1873), ensaio em que Nietzsche discorre sobre o intelecto humano, destrói o conceito tradicional de verdade e questiona os limites da linguagem, a matéria-prima do intelecto. Ademais, intento ainda, à luz das considerações presentes no ensaio mencionado, analisar alguns poemas de Paul Celan[3] (1920-1970), textos em que um movimento semelhante àquele proposto por Nietzsche (destruição seguida por transvaloração da verdade e da linguagem) salta aos nossos olhos e corrobora a ideia de que o niilismo foi um fenômeno europeu que atingiu até mesmo as gerações contíguas.

Apesar de Nietzsche retomar algumas noções presentes em escritos anteriores, como a efemeridade e o caráter ilusório do conhecimento frente à eternidade do universo e da natureza e a forma com que os fracos usam o intelecto para a conservação e para a vaidade, o ponto fulcral do ensaio em questão está ligado à vontade de verdade, a uma verdade falsa, ilusória e vulnerável a trocas arbitrárias na linguagem: “Falamos de uma Schlange (cobra): a designação não se refere a nada mais que um do que o enrodilhar-se, e portanto poderia também caber ao verme” (Nietzsche, 2009, p. 533).

Enquanto a verdade, para Tomás de Aquino, é adequação do intelecto às coisas, para Nietzsche, não existe nada relacional e “não sabemos nada de uma qualidade essencial” (Nietzsche, 2009, p. 535) para pensar, como propôs Platão, em um mundo sensível e outro inteligível.

Dessa forma, Nietzsche demarca os limites da linguagem e aponta para a sua pretensão de ser a responsável pela cristalização da verdade. A linguagem, de acordo com ele, não pode expressar pensamentos e estabelecer conceitos ou verdades. Não há correspondentes no real, a verdade escapa à linguagem (ou vice-versa) porque relação entre eles é metafórica, jamais estável. Assim, a linguagem enquanto representação de uma estrutura é uma tentativa destinada ao fracasso.

Nesse sentido, o filósofo pondera:

[3] Paul Celan (1920-1970), pseudônimo de Paul Pessakh Antschel, foi um poeta, ensaísta e tradutor (inclusive de Fernando Pessoa) romeno radicado na França.

“O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas” (Nietzsche, 2009, p. 535).

Considerando o que foi exposto, qual não é a minha surpresa diante dos seguintes versos de Paul Celan:

[UM ESTRONDO]
Um estrondo: a
própria verdade
surgiu entre
os homens
em pleno
turbilhão de metáforas[4].
(Celan, 2001, p. 17)

Não posso, é claro, afirmar a natureza da influência de Nietzsche para o poeta, tampouco traçar a genealogia dos seus poemas, mas os indícios de uma leitura são claros, a aproximação é possível e as possibilidades aumentaram quando cotejei outros textos de Paul Celan. No poema, Celan não apenas contempla o conceito presente em “Sobre verdades e mentiras no sentido extra-moral”, como se apropria da noção de modo literal, quase que como uma colagem.

O conceito de verdade é colocado em xeque na medida em que Celan aponta para uma verdade-entidade que surge entre os homens “em pleno turbilhão de metáforas” (idem). Refere-se, certamente, a maio de 1945, ao colapso que fez com que a Alemanha se rendesse, à Hora Zero, aos entulhos, às cidades-ruínas, às famílias desfalcadas, às cicatrizes tamponadas e à verdade indizível no meio de todas essas metáforas. Há uma verdade, a verdade que surgiu como estrondo, mas uma verdade intransponível e impronunciável. Uma verdade que a linguagem não podia sistematizar e pronunciar.

Para compreender melhor a tônica do que foi exposto, convém refletir um pouco acerca do poeta. A poesia de Paul Celan conta com algumas traduções em português, como *A morte é uma flor*, por João Barrento; *Poemas*, por Flávio Kothe; *Sete Rosas mais tarde* (Antologia poética), por João Barrento e Centeno e *Cristal*, por Cláudia Cavalcanti. Elenco para esta reflexão, entretanto, os poemas traduzidos e publicados por Celso Fraga da Fonseca na revista *Cadernos de Literatura em Tradução*, em 2001.

Celan, judeu e vítima do holocausto, é bastante observado a partir da poesia como “limiar do emudecimento” (Guerreiro, 2000, p. 31), dos limites da linguagem impostos ao texto e da leitura hermética. De qualquer forma, os textos demonstram que o hermetismo do poeta, rótulo que tanto irritava Celan, foi consequência. Como tratar com a palavra convencional o não convencional dos dias, principalmente se considerarmos o trauma causado pelo holocausto? Como a palavra, aquela mesma palavra questionada com relação à representação de uma cobra em Nietzsche, pode dar

[4] O original: “[EIN DRÖHNEN] Ein Dröhnen: es ist die Wahrheit selbst unter die Menschen getreten, mitten ins Metapherngestöber” (CELAN, 2001, p. 17).

conta das guerras, das encruzilhadas dos dias, de um futuro sombrio, do trauma e, sobretudo, da verdade incomunicável? Incomunicável não só porque as verdades são como “estojos vazios” (Nietzsche, 2009, p. 533), mas porque cada um conhece a verdade de um modo e “não somente como uma estimulação inteiramente subjetiva (idem).”

O poeta recusa a correspondência entre poema e realidade, quer dizer, o caráter não relacional da linguagem asseverado por Nietzsche também pode ser observado nos textos celanianos. Não há representação plenamente possível, o real não pode ser adequado ao discurso porque o último é insuficiente, parte de delimitações arbitrárias. Há sempre uma dose de artifício da categorização da realidade (interessante lembrar, neste momento, Fernando Pessoa, Borges e a ideia de que toda metafísica é literatura e toda literatura é metafísica).

Dessa forma, a realidade e a linguagem estabelecem uma duplicidade irreconciliável, como propõe Celan nos dois primeiros versos do poema “Ilegibilidade”: “Ilegibilidade deste mundo/Tudo duplo”^[5] (Celan, 2001, p. 25). Ainda nesse sentido, Ferraz, ao mencionar a influência da escrita do poeta no último livro da trilogia de Kértész^[6], afirma que a linguagem celaniana “funciona como uma espiral descendente que propõe uma aniquilação radical e consciente de si mesma como única forma de resistência possível, através de uma polifonia de vozes mediada pelo eu-que-narra, que, ao mesmo tempo, procura destruir esse discurso” (Ferraz, 2011, p. 12).

Indo ao encontro do que propõe Nietzsche, a linguagem de Celan não existe enquanto cristalizadora de verdades. Existe como experiência, como tentativa de realidade, como estrutura linguística móvel, que se transvaloriza a todo tempo, e vale, precisamente, pelo o que confina em si quando remete ao silêncio. O poeta parece reconhecer a fragilidade dos conceitos e da verdade nos versos do poema “Estar”:

Estar, à sombra
da chaga no ar.

Não-estar-para-ninguém-e-nada.
Incógnito,
para ti
somente.

Com tudo o que aí dentro comporta,
sem linguagem
também^[7].
(Celan, 2001, p. 24).

Da “sombra” ou do vazio, a linguagem, quando não falta, é negada. Negada como verdade e como possibilidade de conhecimento. O silêncio, aqui, liberta. Estar “sem linguagem também” é estar “à sombra da chaga do ar”. É, talvez, não se igualar aos fracos e crer na verdade como conservação, como substituição para um Deus morto, e não “querer existir socialmente e em rebanho” (Nietzsche, 2009, p. 532), negando o tratado de paz social que a linguagem busca promover: “não-estar-para-ninguém-e-nada”. O silêncio é eloquente nos poemas de Celan, beira o emudecimento. A sua poética parece manter a noção de que todo “conceito é somente o resíduo de uma

[5] “[UNLESBARKEIT]”: “Unlesbarkeit dieser Welt. Alles doppelt” (Celan, 2001, p. 25).

[6] De Imre Kertész, autor judeu nascido em Budapeste. Foi o Prêmio Nobel de Literatura em 2002.

[7] “[STEHEN]”: “Stehen, im Schatten des Wundenmals in der Luft. Für-niemand-und-nichts-Stehen. Unerkannt, für dich allein. Mit allem, was darin Raum hat, auch ohne Sprache”. (Idem, p. 24).

metáfora” (Nietzsche, 2009, p. 536).

Nessa direção, os dois primeiros versos da segunda estrofe do poema “Colônia, no pátio” chamaram a minha atenção: “Algo falava no silêncio, algo se calava/algo seguia seus caminhos”^[8] (Celan, 2001, p.19). Trata-se da ideia de que o silêncio celaniano diz algo e diz justamente sobre os limites da linguagem, sobre a impotência da linguagem não apenas com relação à representação do real, mas com relação ao curso da vida: falava do silêncio, calava e seguia os seus caminhos.

A palavra de Celan é, como propõe Benjamin em *Sobre arte, técnica, linguagem e política*, símbolo do não comunicável, e a sua impotência para a representação e verdade é assinalada com frequência em sua poesia: “Mudo, o que ascendeu à vida, mudo^[9]” (Celan, 2001, p. 43), pois “não lhe cala a vida quase tudo”? (Nietzsche, 2009, p. 532).

Entre os silêncios e os símbolos do não comunicável, sobra-nos, nos versos de Celan, um “turbilhão de metáforas” (Celan, 2001, p. 17), “um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos” (Nietzsche, 2009, p. 535). A realidade que não é possível como representação, é escrita como demonstração, como nos sugere o poema “Falar com os Becos sem saída”:

Falar com os becos sem saída
sobre o de defronte
sobre sua

expatriada
significação – :

com dentes de escrever,
mastigar
esse pão^[10].
(Celan, 2001, p.16-17)

O poeta, ciente da ilusão presente no ato de esconder, procurar e encontrar a verdade atrás de um arbusto (Nietzsche, 2009, p. 537), aponta para o ato de falar ao léu, de comunicar aos becos sem saída sobre a “expatriada significação” da sua linguagem. Metaforicamente, refere-se ainda a “dentes de escrever” e ao ato de “mastigar” (vale lembrar que o ato envolve quebra e força) “o pão” da escrita como quem insiste, resiste e cumpre a sina ao falar no vão e em vão sobre uma significação clandestina.

Assim, a verdade, a própria verdade, surge, na poesia celaniana, em um turbilhão de elipses, metonímias, ironias, prosopopeias e belíssimas metáforas para a vida, a resistência e a morte. “Com dentes de escrever/mastigar esse pão”, “leite negro da madrugada”, “Alemanha teu cabelo dourado/Margarete” “teu cabelo cendrado Sulamita” e “a morte é um mestre que vem da Alemanha/seu olho é azul”^[11] são versos que exemplificam as construções mencionadas.

Ainda nessa direção, Celan pondera:

[8] “[KÖLN, AM HOF]”: “Einiges sprach in die Stille, einiges schwieg, einiges ging seiner Wege” (Celan, 2001, p.19).

[9] “[ASSISI]”: “Stumm, was ins Leben stieg, stumm. Füll die Krüge um” (Celan, 2001, p. 43).

[10] “[MIT DEN SACKGASSEN SPRECHEN]”: “Mit den Sackgassen sprechen vom Gegenüber, von seiner expatrierten Bedeutung –: dieses Brot kauen, mit Schreibzähnen” (Celan, 2001, p. 16).

[11] Os versos citados para a exemplificação foram retirados do belíssimo poema “Fuga da Morte” (“Todesfuge”) (Celan, 2001, p. 30).

É certo que o poema – o poema hoje – mostra, inegavelmente, uma tendência forte ao emudecimento e creio que isso tenha a ver, ainda que apenas indiretamente, com as dificuldades – nada subestimáveis – de escolha das palavras, com as corredeiras mais acidentadas da sintaxe ou com os sentidos mais despertados para a elipse. [...] o poema se firma à margem de si mesmo; para poder existir, chama-se e traz-se incessantemente de volta, do seu não-mais para o seu ainda (Celan, 2000, p. 197)[12].

É interessante observar que ao mesmo tempo em que Celan reconhece e descreve o caráter metafórico e as arbitrariedades que envolvem a linguagem, uma nova metáfora é criada para representar o poema. A representação, que beira o imagético, remete à ideia de movimento, movimento cíclico e de constante transformação. Movimento do que deixa de ser, mas ainda é; do que ora está no raso e, em seguida, submerso; do que mostra, mas também esconde e do que diz, mas também cala. À margem de si mesmo, o poema celaniano estrutura-se sobre a noção de que o valor da verdade é limitado e subjetivo. Quer dizer, trata-se de um texto que assimila a verdade enquanto uma construção frequente e móvel, “que não precisa daquela tábua de salvação da indigência [o intelecto e os seus conceitos rígidos] e que agora não é guiado por conceitos, mas por intuições” (Nietzsche, 2009, p. 540):

Dessas intuições nenhum caminho regular leva à terra dos esquemas fantasmagóricos, das abstrações: para elas não foi feita a palavra, o homem emudece quando as vê, ou fala puramente em metáforas proibidas e em arranjos inéditos de conceitos, para pelo menos através da demolição e escarnecimento dos antigos limites conceituais corresponder criadoramente à impressão de poderosa intuição presente (idem).

Vale pontuar, ainda que brevemente, que partir de metáforas para negar a linguagem como cristalizadora de verdades não é uma habilidade empenhada apenas por artistas como Celan, pois Nietzsche, ao enfraquecer os conceitos erigidos em torno da verdade e da linguagem, desfila também inúmeras metáforas no ensaio em questão.

As metáforas presentes do texto do filósofo parecem ser elencadas para indicar, através da palavra, a impossibilidade de chegar a pensamentos mais raros. Aponta, assim, para novas possibilidades na linguagem, dando “vazão à força criadora, fornecendo-nos andaimes para construções mais abstratas e valorização das intuições” (Braga, 2003, p. 74).

Os poemas de Celan não se comportam de maneira distinta e comparecem, assim, à última aproximação proposta, a dizer: a noção de homem intuitivo. Quer dizer, além de Celan problematizar o conceito de verdade, buscar a sua transvaloração (não me parece equivocado pensar na verdade como um eloquente silêncio para o poeta) e trabalhar com a ideia de que a linguagem parte sempre de trocas arbitrárias, ele também lida com o “esplendor das intuições metafóricas” (Nietzsche, 2009, p. 40) sem a intenção de torná-las conceitos, como quem maneja o caos.

Partindo do conhecimento abstrato e renegando o que é inartístico, o homem intuitivo funda uma civilização através do domínio da arte sobre a vida: “Temos a arte para não morrer com a verdade” (Nietzsche, 2008). Ele não se defende da infelicidade, mas conquista abstrações. Trata-se do intelecto que se tornou livre e, para ele, não foi feito para o conceito ou a palavra, mas para o

[12] Tradução de Maurício Mendonça Cardoso. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/940>. Acesso em: 25 mar. de 2019.

turbilhão móvel de metáforas.

As metáforas do poeta são construtoras de inesgotáveis sentidos e ignoram aquele imenso arcabouço de conceitos rígidos, procurando “embaralhar o mundo sólido dos conceitos” e buscando aproximar-se “dos pensamentos mais raros (intuições)” (Braga, 2003, p.73).

Dessa forma e de acordo com as palavras do próprio poeta, o poema cumpre a missão de:

Uma garrafa lançada ao mar, abandonada à esperança – decerto muitas vezes ténue – de poder um dia ser recolhida numa qualquer praia, talvez na praia do coração. Também neste sentido os poemas são um caminho: encaminham-se para um destino (...) para um lugar aberto, para um tu intocável (Celan, 1996, [s.p.]).

Paul Celan recolhe “a tábua de salvação da indigência” (NIETZSCHE, 2009, p. 539) do leitor e não oferece, através dos poemas e das suas metáforas, conceitos, mas intuições. Intuições colhidas dos inúmeros silêncios que a impotência da linguagem promove nos seus versos e lançadas à livre decifração, ato que corrobora a noção (também celaniana) da poesia como um aperto de mão.

Ainda que eu tenha elencado poucos poemas para a presente análise, é plenamente possível pensar nas tónicas nietzschianas aqui consideradas à luz da obra de Paul Celan – ou vice-versa. Selecionei apenas três por uma questão puramente metodológica, pois um trabalho de curto fôlego e possibilidade de discurso cíclico, quiçá repetitivo. De qualquer forma, vale apontar que alguns especialistas em Celan endossam as minhas proposições. Mariana Camilo de Oliveira, por exemplo, afirma que Celan não só lia Nietzsche, como também nutria alguma simpatia pelo filósofo. O poeta chegou a escrever uma dedicatória com os seguintes dizeres: “em memória de Sils-Maria e Friedrich Nietzsche, quem – como sabes – queria fuzilar a *todos* os anti-semitas” (Nietzsche apud Oliveira, 2008, p. 105). A questão do emudecimento e da função da palavra também é observada por alguns estudiosos. Márcio Seligmann-Silva pondera que “a linguagem [celaniana] atravessa um terrível emudecer, crueza o acontecimento para o qual não há palavra: o local não é dizível” (Seligmann-Silva apud Celan, 2009, p. 151).

Frente ao que foi exposto, não me parece inoportuno traçar as aproximações observadas entre a poética de Celan, o texto “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral” e, de certa forma, o niilismo europeu. “De certa forma” porque ainda que o ensaio nietzschiano elencado para esta análise não se volte propriamente para o niilismo (a palavra nem sequer é mencionada), as tónicas do fenômeno dão o tom à discussão empreendida. Quer dizer, a discussão construída é alicerçada por ideias como a vontade de verdade, o aniquilamento dos valores tradicionais e a transvaloração desses valores, emancipando-se de todo o “supra-sensível ao qual o homem deveria e gostaria de se submeter” (Heidegger, 2007, p. 27).

Assim, acredito que, seja por reconhecer a linguagem e a verdade como arbitrariedade, por voltar-se à intuição e manejar metáforas (nunca conceitos) ou por, deliberadamente, construir um texto que, ao lidar com o trauma, se faz eloquente a partir do silêncio (atitude de quem reconhece que “a dor dorme com as palavras”^[13]), Celan escreve como quem diz para que não façamos muito da palavra – ainda que o seu aspecto ritualístico seja tão marcante para cultura judaica –, mas que nos concentremos no que ela pode criar e transformar intuitivamente e de forma

[13] “A dor dorme com as palavras, dorme, dorme, dorme” é o título de um poema presente no livro *A morte é uma flor*. Na íntegra: “A dor dorme com as palavras, dorme, dorme, dorme, /Dorme e vai buscar nomes, nomes. /Dorme e a dormir morre e renasce. /Uma semente germina, sabias? / Sabia, sabia/ Uma semente da noite, nas ondas, um povo/ começa a crescer, uma estirpe/ da-dor-e-do-nome —: firme/e como que desde sempre submersa/ e fiel —: a não-/ -existente, /a viva/ e minha, a? /tua.” (Celan, 1998, p. 45).

continuada, aproximando-se do que existe de intocável em nós.

O acontecimento puro ou o contrário de uma metáfora é relativizado na escrita celaniana. O texto parte de um encontro faltoso e edifica-se através da reificação da palavra: “Veio uma palavra, veio, /veio pela noite, /Queria brilhar, queria brilhar. /Cinzas. / Cinzas, cinzas. Noites” (Celan, 2009, p. 77). Dessa forma, a palavra, essa arbitrariedade do intelecto, não brilha, o conhecimento tampouco e a verdade existe enquanto impossibilidade. Talvez essa seja a prova de que Nietzsche, ao apontar para a ascensão do niilismo, narrava, de fato, a história dos próximos duzentos anos na Europa (Nietzsche apud Heidegger, 2007, p. 38).

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- BRAGA, Paula. A Linguagem em Nietzsche: as Palavras e os Pensamentos. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 14, p. 71-82, 2003.
- CELAN, Paul. *A morte é uma Flor*. Poemas do Espólio. Trad. João Barrento. São Paulo: Cotovia, 1998
- CELAN, Paul. *Cristal*. Organização e tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- CELAN, Paul. Der Meridian – Rede anlässlich der Verleihung des Georg-Büchner-Preises. In: *Gesammelte Werke in sieben Bänden*. Frankfurt: Suhrkamp, 2000a. v.3, p.187-202.
- CELAN, Paul. Poemas de Paul Celan. In: FONSECA, Celso Fraga da. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 4, p. 13-49, 2001.
- CELAN, Paul. Texto de agradecimento ao primeiro prêmio recebido em Bremen, 1958. In: *Arte Poética – Meridiano e outros textos*. Lisboa: Ed. Cotovia: 1996.
- FERRAZ, Flávia Coimbra. *O holocausto na obra de Imre Kertész: uma linguagem violentada*. Dissertação de Mestrado em Letras. São Paulo: USP, 2011.
- GUERREIRO, Antônio. *O Acento Agudo do Presente*. Edições Cotovia: Lisboa, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche II*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- NIETZSCHE, F. *A vontade de poder*. (Trad. M. S. Fernandes e F. J. Moraes). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- NIETZSCHE, F. Como o “mundo verdadeiro” acabou por se tornar fábula. In: *Crepúsculos dos ídolos: ou como filosofar com o martelo*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- NIETZSCHE, F. *Fragmentos Finais*. Brasília: Editora UnB, 2002.
- NIETZSCHE, F. “Sobre verdades e mentiras no sentido extra-moral”. In: *Antologia de Textos Filosóficos*. Jairo Marçal (Org.). Curitiba/PR: SEED, 2009.
- OLIVEIRA, Mariana Camilo de. *A dor dorme com as palavras: a poesia de Paul Celan nos territórios do indizível e da catástrofe*. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

LAYSA LOUISE SILVA BERETTA é aluna de estágio pós-doutoral na linha de pesquisa "Intermedialidades e novas formas artísticas" (PPGL-UEL) e estuda o conceito de utopia e suas aparições na literatura e no cinema brasileiro, principalmente no cenário contemporâneo. Doutora em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Estadual de Londrina (2022). Possui licenciatura em Letras Vernáculas e Clássicas pela Universidade Estadual de Londrina e Mestrado em Letras pela mesma instituição (2006). Contato: laysaberetta@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2814757325347851>.